

O ASSASSINO  
DO  
REI



A SAGA DO ASSASSINO  
VOLUME II

Robin  
Hobb

O ASSASSINO  
DO  
REI

Tradução  
Jorge Candeias



Copyright © 1996 by Robin Hobb  
Publicado mediante acordo com a autora através de The Lotts Agency, Ltd.  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Royal Assassin

*Capa*  
Alceu Chiesorin Nunes

*Ilustração de capa*  
Rogério Borges

*Lettering de capa*  
Jackson Alves

*Preparação*  
Emanoelle Veloso

*Revisão*  
Luciane H. Gomide  
Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hobb, Robin  
O assassino do rei / Robin Hobb ; tradução Jorge  
Candeias. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2022. —  
(A saga do assassino ; v. 2)

Título original: Royal Assassin  
ISBN 978-85-5651-098-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

22-99431

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia  
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ  
Telefone: (21) 3993-7510  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)  
[facebook.com/edorasuma](https://facebook.com/edorasuma)  
[instagram.com/edorasuma](https://instagram.com/edorasuma)  
[twitter.com/edorasuma](https://twitter.com/edorasuma)

Nota para esta edição:

No universo criado por Robin Hobb para A saga do assassino, muitos dos personagens são batizados ao nascer com nomes que representam características que, no futuro, podem ou não moldar seu caráter. Em edições anteriores, esses nomes haviam sido traduzidos para o português, mas neste volume os mantivemos em sua forma original, em inglês.

Para o leitor que desejar compreender um pouco melhor o significado por trás do nome dos personagens, ao fim deste livro há um glossário com todos os termos relevantes da história.



*Para Ryan*







# PRÓLOGO

## SONHOS E DESPERTARES

*Por que é proibido registrar conhecimentos específicos de artes mágicas? Talvez porque todos tenhamos medo de que esse tipo de conhecimento caia nas mãos de alguém que não seja digno de usá-lo. É fato que sempre houve um sistema de aprendizado que assegurasse a transmissão do conhecimento específico de magia somente àqueles que fossem treinados e julgados merecedores dele. Embora essa pareça uma tentativa louvável para nos proteger de praticantes que não sejam dignos das artes arcanas, ela ignora o fato de que as artes mágicas não são derivadas desse conhecimento específico. A predileção por certo tipo de magia ou é inata ou é ausente. Por exemplo, a capacidade para a magia conhecida como Talento está intimamente ligada a laços sanguíneos com a linhagem real dos Farseers, embora também possa ocorrer como uma “tendência selvagem” em pessoas cujos ancestrais provenham tanto das tribos do interior como dos ilhéus. Alguém treinado no Talento é capaz de sondar a mente de outra pessoa, por mais distante que esteja, e de saber o que ela está pensando, ou de ter conversas com ela sem dizer uma palavra. Para conduzir uma batalha, ou para obter informações, é um instrumento de grande utilidade.*

*Diz a lenda que há uma magia ainda mais antiga, atualmente muito desprezada, conhecida como Manha. Poucos admitem ter capacidade para essa magia e é por isso que ela é sempre atribuída ao povo do vale vizinho, ou àqueles que vivem do outro lado da cordilheira. Suspeito que, em outra época, era a magia natural daqueles que viviam como caçadores, como nômades. Uma magia para aqueles que tinham afinidade com os animais selvagens da floresta. A Manha, dizem, dá à pessoa a capacidade de falar as línguas dos animais. Além disso, adverte-se que aqueles que praticam a Manha por muito tempo ou bem demais se transformam no animal ao qual se vinculam. Mas isso talvez seja só uma lenda.*

*Existem as magias Equívocas, embora eu nunca tenha sido capaz de determinar a origem desse nome. São artes mágicas ao mesmo tempo comprovadas e suspeitas, que incluem a leitura de mãos, a adivinhação pela água, a interpretação dos reflexos dos cristais e uma infinidade de outras artes que tentam prever o futuro. Em uma categoria à parte e sem nome, encontram-se as artes mágicas que causam efeitos físicos, como a invisibilidade, a levitação, a arte de dar vida ou mover objetos inanimados — todas as artes mágicas das antigas lendas, desde a Cadeira Voadora do Filho da Viúva à Toalha de Mesa Mágica do Vento do Norte. Não conheço ninguém que reivindique essas artes como suas. Parecem ser apenas conteúdos de lendas atribuídas aos povos que viveram antigamente ou em lugares longínquos, ou a seres tidos como míticos ou semimíticos: dragões, gigantes, os Antigos, os Outros ou os pecksies.*

Faço uma pausa para limpar a pena. A minha letra oscila entre rabiscos finos e borrões neste papel de má qualidade. Mas não quero usar um bom pergaminho para estas palavras. Ainda não. Não tenho sequer certeza de que devem ser escritas. Me pergunto por que colocar tudo isso no papel. Será que esse conhecimento não será transmitido de boca a boca àqueles que forem merecedores? Talvez. Mas talvez não. O que hoje consideramos certo, o conhecimento sobre essas coisas, um dia poderá ser dúvida e mistério para nossos descendentes.

Há muito pouco sobre magia em qualquer uma das bibliotecas. Trabalho incessantemente, seguindo um fio de conhecimento em uma colcha de retalhos de informações. Encontro referências dispersas, alusões a passagens, mas nada mais. Ao longo dos últimos anos, eu as reuni e as armazenei na minha mente, sempre com a intenção de passar meus conhecimentos para o papel. Anotarei o que sei a partir da minha experiência pessoal, assim como o que conseguir escavar. Talvez para fornecer respostas a outro pobre coitado, em tempos que ainda estão por vir, que possa estar tão desgastado quanto eu por causa das artes mágicas em conflito dentro dele.

Mas quando me sento para pôr as mãos à obra, hesito. Quem sou eu para opor a minha vontade à sabedoria daqueles que partiram antes de mim? Devo registrar, em letras simples, os métodos usados por uma pessoa que tem a Manha para poder ampliar seu alcance ou se vincular a uma criatura? Devo detalhar o treino pelo qual se deve passar antes de ser reconhecido como Talentoso? Nunca fui adepto das magias Equívocas e artes lendárias. Será que eu tenho o direito de desenterrar os segredos delas e costurá-los no papel como tantas outras borboletas ou folhas recolhidas para estudo?

Tento pensar no que é possível fazer com um conhecimento desses, obtido de forma injusta. Isso me faz pensar no que esse conhecimento me deu. Poder, riqueza,

o amor de uma mulher? É como zombar de mim mesmo. Nem o Talento nem a Manha nunca me ofereceram nada disso. Ou, se o fizeram, eu não tive sequer o bom senso e a ambição de agarrá-los quando me foram oferecidos.

Poder. Não acho que alguma vez o tivesse desejado por si só. Eu o desejei algumas vezes, quando fui oprimido ou quando as pessoas mais próximas de mim sofriam por submissão àqueles que abusavam dos seus poderes. Riqueza. Nunca pensei realmente nisso. Desde o momento em que eu, seu neto bastardo, me entreguei ao rei Shrewd, ele sempre cuidou que as minhas necessidades fossem satisfeitas. Eu tinha o suficiente para comer, mais instrução do que às vezes desejava, roupas, fossem simples, fossem irritantemente elegantes e, com bastante frequência, uma ou duas moedas para gastar. Crescendo em Torre do Cervo, isso era suficiente e mais do que a maior parte dos rapazes da Cidade de Torre do Cervo poderia querer. Amor? Bem. A minha égua Fuligem gostava bastante de mim, a seu modo sereno. Pude contar com a lealdade inabalável de um cão de caça chamado Narigudo, e isso o levou à morte. Um filhotinho de *terrier* dedicou a mim o amor mais arrebatador que se possa imaginar, e isso também foi a morte para ele. Estremeço só de pensar no preço voluntariamente pago por me amar.

Desde sempre vivi na solidão de alguém educado no meio de intrigas e segredos, o isolamento de um rapaz que não pode confiar a ninguém tudo o que tem no seu coração. Não podia falar com Fedwren, o escriba da corte, que elogiava a minha letra habilidosa e as ilustrações coloridas que eu fazia, e contar-lhe em segredo que eu já era um aprendiz de assassino real e que, portanto, não poderia seguir o ofício de escrever. Tampouco podia contar para Chade, meu mestre na diplomacia da navalha, sobre a frustrante brutalidade que tive de aguentar ao tentar aprender o Talento com Galen, o mestre do Talento. E eu não me atrevia a falar abertamente com ninguém sobre a minha propensão cada vez mais perceptível para a Manha, a antiga magia dos animais, tida como sinônimo de perversão e vergonha para qualquer um que a usasse.

Nem mesmo com Molly.

De tudo o que tinha, Molly era o que eu mais estimava: um verdadeiro refúgio. Ela não tinha absolutamente nada a ver com a minha vida do dia a dia. Não só por ser do sexo feminino, embora isso já fosse suficientemente misterioso para mim. Eu cresci praticamente na companhia exclusiva de homens, privado da convivência não só com meus pais verdadeiros mas também com qualquer pessoa com quem eu tivesse laços sanguíneos e que me reconhecesse abertamente. Quando criança, fui confiado aos cuidados de Burrich, o rude mestre do estábulo que tinha sido o braço direito do meu pai. Guardas e rapazes do estábulo eram meus companheiros cotidianos. Assim como hoje, havia mulheres nas companhias de guardas, embora não tantas naquela época como agora. Mas, assim como seus

colegas homens, tinham deveres a cumprir, e suas vidas e famílias, quando não estavam em serviço. Eu não podia exigir o tempo delas. Não tinha mãe nem irmãs ou tias. Não havia nenhuma mulher que me oferecesse a ternura especial que se atribui ao universo feminino.

Nenhuma, a não ser Molly.

Ela era apenas um ou dois anos mais velha que eu, e crescera como o galho de uma planta que força seu caminho através de uma fenda nas pedras da calçada. Nem a embriaguez quase constante e a violência frequente do pai nem as tarefas massacrantes de uma criança que tentava manter a pretensão de um lar e do negócio de família conseguiram reprimi-la. Quando a conheci, ela era tão selvagem e desconfiada como um filhote de raposa. Entre as crianças da rua, era conhecida como Molly Sangra-Nariz. Frequentemente eram visíveis as marcas das surras que o pai lhe dava. Apesar de sua crueldade, ela gostava dele. Nunca compreendi aquilo. Ele resmungava e a repreendia mesmo enquanto ela o levava cambaleando para casa, depois de uma das suas bebedeiras, e o punha na cama. E, quando acordava, ele nunca sentia remorso por ter bebido ou por ter dito palavras rudes. Havia apenas mais críticas: por que a casa de velas não tinha sido varrida e por qual motivo não havia juncos frescos no chão? Por que ela não tinha cuidado das colmeias, se quase não havia mais mel para vender? Por que ela tinha deixado o fogo da caldeira de sebo se apagar? Fui uma testemunha muda mais vezes do que gostaria de lembrar.

Mas, no meio daquilo tudo, Molly cresceu. Desabrochou, em um verão repentino, e se transformou em uma jovem mulher que me deixava espantado com suas maneiras habilidosas e seus encantos femininos. Quanto a ela, parecia completamente inconsciente de como seus olhos eram capazes de se encontrar com os meus e transformar a minha língua, dentro da boca, em um pedaço de couro. Nenhuma magia que eu dominasse, nenhum Talento, nenhuma Manha, nada me fazia resistir ao toque inesperado da sua mão na minha nem conseguia evitar que eu ficasse atrapalhado diante da curva de seu sorriso.

Deveria falar então de seu cabelo balançando contra o vento ou detalhar como a cor de seus olhos variava entre um âmbar-escuro e um tom profundo de castanho, dependendo do humor e da cor do seu vestido? Eu vislumbrava sua saia escarlate ou o xale vermelho no meio da multidão no mercado, e de repente não via mais ninguém. Essas foram as artes mágicas que eu testemunhei e, embora eu pudesse colocá-las no papel, nenhuma outra pessoa seria capaz de executá-las com tamanha habilidade.

Como foi que eu flertei com ela? Com os galanteios desastrados de um garoto, seguindo-a boquiaberto, como um tolo observando os discos rodopiantes de um malabarista. Ela soube que eu a amava antes de eu sabê-lo. E permitiu que eu

flertasse com ela, embora fosse alguns anos mais novo, não fosse um garoto da cidade e não tivesse uma boa condição de vida, pelo que ela sabia. Ela pensava que eu era o garoto de recados do escriba, um ajudante ocasional no estábulo, um mensageiro da torre. Ela nunca suspeitou que eu fosse o bastardo, o filho não reconhecido que derrubou o príncipe Chivalry do seu lugar na linha de sucessão. Só isso já era um segredo suficientemente grande. Das minhas habilidades mágicas e da outra profissão ela não sabia nada.

Talvez fosse por isso que eu podia amá-la.

Com certeza foi por isso que eu a perdi.

Deixei que os segredos, fracassos e dores das minhas outras vidas me mantivessem muito ocupado. Eu tinha habilidades mágicas para aprender, segredos para desvendar, homens para matar, intrigas às quais sobreviver. Rodeado por tudo isso, nunca passou pela minha cabeça que eu poderia recorrer a Molly em busca de um pouco da esperança e compreensão que fugiam de mim por todos os outros lados. Ela estava à parte dessas coisas, não era contaminada por elas. Eu a protegi cuidadosamente para que não fosse tocada por elas. Nunca tentei atraí-la para o meu mundo. Em vez disso, fui até o dela, a cidade portuária e pesqueira onde vendia velas na sua loja, fazia compras no mercado e, às vezes, passeava pelas praias comigo. Para mim, era suficiente que ela existisse para eu amá-la. Não me atrevia sequer a ter esperança de que ela pudesse corresponder a esse sentimento.

Houve um momento em que o treinamento para o Talento me reduziu a uma tristeza tão profunda que eu não achava que seria capaz de sobreviver a ela. Não me perdoava por não conseguir aprendê-lo, sequer imaginava que meu fracasso pudesse não ter importância para os outros. Encobri meu desespero com um afastamento rude. Deixei que longas semanas se passassem sem vê-la e sequer lhe enviei uma mensagem dizendo que pensava nela. Por fim, quando não havia mais ninguém a quem recorrer, eu a procurei. Tarde demais. Cheguei à Casa de Velas Erva-Cidreira, na Cidade de Torre do Cervo, com um presente nas mãos, a tempo de vê-la sair. E não sozinha, mas com Jade, um marinheiro de peito largo, com um ousado brinco numa orelha e a masculinidade confiante própria da idade. Sem ser notado, me sentindo derrotado, recuei discretamente e observei os dois se afastarem de braços dados. Eu a deixei ir e, nos meses seguintes, tentei me convencer de que meu coração também a tinha deixado ir. Imagino o que teria acontecido se eu tivesse corrido atrás dela naquela tarde, se eu tivesse suplicado para falar com ela uma última vez. É estranho pensar que tantos acontecimentos dependem do orgulho inconveniente de um rapaz e de sua aceitação conformada das derrotas. Eu a tirei dos meus pensamentos e não falei dela para ninguém. Continuei com a minha vida.

O rei Shrewd me enviou como seu assassino com a grande caravana de pessoas que iam testemunhar os votos da princesa da montanha, Kettricken, como noiva do príncipe Verity. Minha missão era matar o irmão mais velho da princesa, o príncipe Rurisk, discretamente, é claro, para que ela então se tornasse a única herdeira do trono da Montanha. Mas, quando cheguei lá, o que encontrei foi uma trama de enganação e mentiras engendrada pelo meu tio mais novo, o príncipe Regal, que esperava derrubar Verity da linha de sucessão e reivindicar Kettricken como sua noiva. Eu era o peão que ele ia sacrificar para alcançar esse objetivo, e fui o peão que, em vez disso, derrubou as peças do jogo à volta dele, fazendo recair sobre mim a sua fúria e vingança, mas salvando a coroa e a princesa para o príncipe Verity. Não acho que isso tenha sido heroísmo. Tampouco foi um gesto mesquinho de despeito para me vingar daquele que sempre me ameaçou e humilhou. Foi o ato de um rapaz que se tornava homem, e fazendo aquilo que tinha jurado fazer anos antes de compreender o custo de uma promessa como essa. O preço foi o meu corpo jovem e saudável, que eu nunca havia pensado estar em risco.

Por muito tempo depois de ter derrotado a conspiração de Regal fiquei preso a uma cama, doente, no Reino da Montanha. Mas finalmente chegou uma manhã em que acordei e acreditei que aquele longo período de doença tinha finalmente chegado ao fim. Burrich havia chegado à conclusão de que eu estava suficientemente recuperado para iniciar a longa viagem de volta aos Seis Ducados. A princesa Kettricken e sua comitiva tinham partido para Torre do Cervo havia semanas, quando o tempo ainda estava bom. Agora, a neve de inverno já encobria as regiões mais altas do Reino da Montanha. Se não saíssemos logo de Jhaampe, seríamos forçados a passar o inverno lá. Naquela manhã, eu estava de pé logo cedo, empacotando o restante das minhas coisas, quando os primeiros pequenos tremores começaram. Eu os ignorei resolutamente. *Estou apenas fraco*, disse a mim mesmo, pois ainda não tinha tomado café da manhã e estava ansioso pela viagem de volta para casa. Vesti as roupas que Jonqui tinha nos dado para a viagem invernal pelas montanhas e planícies. Para mim, ela tinha separado uma blusa vermelha comprida, forrada de lã. As calças acolchoadas eram verdes, com bordados vermelhos na cintura e nas bainhas. As botas eram como sacos de couro, tão macias que quase não tinham forma até que meus pés estivessem firmes dentro delas. Eram forradas de lã bem aparada e com uma tira de pele na borda. Prendiam-se aos pés com longas tiras de couro. Amarrá-las tornou-se uma tarefa difícil para os meus dedos trêmulos. Jonqui tinha nos dito que eram maravilhosas para a neve seca das montanhas, mas que evitássemos molhá-las.

Havia um espelho no quarto. A princípio eu sorri para o meu reflexo. Nem mesmo o bobo da corte do rei Shrewd se vestia de modo tão chamativo. Mas, por cima do vestuário colorido, meu rosto estava magro e pálido, fazendo meus olhos

escuras parecerem grandes demais, enquanto meu cabelo preto e arrepiado, raspado por causa da febre, estava eriçado como os pelos da cernelha de um cão. A doença tinha acabado comigo. Mas disse a mim mesmo que finalmente estava a caminho de casa e virei as costas para o espelho. Enquanto empacotava os últimos presentinhos que tinha escolhido levar para os meus amigos, em casa, a falta de firmeza das minhas mãos foi aumentando.

Burrich, Hands e eu nos sentamos para tomar café da manhã com Jonqui uma última vez. Agradei novamente por tudo o que ela tinha feito para me curar. Peguei uma colher para comer o mingau, e a minha mão de repente se contorceu. Deixei a colher cair. Assisti à forma prateada cair, e caí logo atrás dela.

A próxima coisa de que me lembro é dos cantos escuros do quarto. Fiquei deitado durante muito tempo, sem me mover e sem falar. Passei de um estado de vazio para a consciência de que tinha tido outro ataque. Tinha passado, tanto meu corpo como minha mente estavam de novo sob meu controle, mas eu não os queria mais. Aos quinze anos, uma idade em que a maioria das pessoas chegava à plenitude das suas forças, eu já não podia confiar no meu corpo para executar a mais simples das tarefas. Ele estava lesionado, e eu o rejeitava com ferocidade. Eu me sentia violentamente vingativo contra aquela carne e aqueles ossos que me enclausuravam e desejei alguma forma de expressar minha decepção e minha raiva. Por que eu não conseguia me curar? Por que não havia me recuperado?

— Vai demorar um pouco, só isso. Espere até que se passe meio ano do dia em que você foi ferido. Então veja por si mesmo.

Era Jonqui, a curandeira. Ela estava sentada perto da lareira, mas sua cadeira tinha sido puxada para trás, para a sombra. Não tinha percebido sua presença até ouvi-la falar. Ela se levantou lentamente, como se o inverno provocasse dor nos seus ossos, e veio até perto da minha cama.

— Não quero viver como um velho.

Ela apertou os lábios.

— Mais cedo ou mais tarde você vai ter de viver assim. Pelo menos eu desejo que você sobreviva anos suficientes para isso. Eu sou velha, e o meu irmão, o rei Eyod, também. Não achamos que isso seja um fardo assim tão grande.

— Eu não me importaria de ter um corpo de velho se isso fosse efeito dos anos que passaram. Mas não posso mais ficar desse jeito.

Ela balançou a cabeça, confusa.

— Claro que pode. A recuperação às vezes é entediante, mas dizer que não pode continuar... não compreendo. Talvez seja uma diferença entre as nossas línguas?

Tomei fôlego para responder, mas nesse momento Burrich entrou.

— Acordado? Se sentindo melhor?

— Acordado. Não me sentindo melhor — resmunguei.

Mesmo para meus próprios ouvidos, soava como uma criança birrenta. Burrich e Jonqui trocaram olhares por sobre minha cabeça. Ela veio até a cama, deu uns tapinhas no meu ombro e depois saiu em silêncio do quarto. A tolerância óbvia deles era humilhante, e a minha ira impotente ergueu-se como uma onda.

— Por que você não consegue me curar? — perguntei a Burrich.

Ele se surpreendeu com a acusação presente na pergunta.

— Não é tão simples assim — começou.

— Por que não? — endireitei-me na cama. — Eu vi você curar todos os tipos de enfermidade nos animais. Doenças, ossos partidos, lombrigas, sarna... você é o mestre do estábulo, e vi você cuidar de todos eles. Por que não consegue me curar?

— Você não é um cão, Fitz — disse Burrich em voz baixa. — É mais simples quando se trata de um animal quando está gravemente doente. Já tomei medidas drásticas, dizendo a mim mesmo às vezes: “Bem, se o animal morrer, pelo menos não vai mais sofrer, e isso pode curá-lo”. Mas não posso fazer isso com você. Você não é um animal.

— Isso não é resposta! Metade das vezes os guardas vêm procurar você em vez de irem ao curandeiro. Você tirou a ponta de uma flecha de Den. Abriu o braço dele inteiro para tirar! Quando o curandeiro disse que o pé de Greydin estava infeccionado demais e que ela iria perdê-lo, ela foi procurar você, e você o salvou. Mesmo que o curandeiro não parasse de dizer que a infecção iria se espalhar, que ela morreria e que a culpa seria sua.

Burrich apertou os lábios, controlando a sua irritação. Se estivesse saudável, eu tomaria cuidado com a raiva dele, mas sua contenção enquanto eu estava convalescente tinha me deixado atrevido. Quando ele falou, sua voz estava calma e controlada.

— É verdade, foram decisões arriscadas, mas as pessoas que quiseram ser tratadas sabiam dos riscos. E — disse, levantando a voz para abafar a objeção que eu estava prestes a proferir — eram coisas simples. Eu sabia qual era a causa. Tirar a ponta e o cabo de uma flecha do braço de Den e limpá-lo. Pôr um unguento e drenar a infecção do pé de Greydin. Mas sua doença não é tão simples assim. Nem Jonqui nem eu sabemos realmente o que você tem. São sequelas do veneno que Kettricken lhe dera quando pensou que você tinha vindo para cá para matar seu irmão? São efeitos do vinho envenenado que Regal lhe deu? Ou da surra que você levou depois? Ou por quase ter se afogado? Ou são todas essas coisas juntas que fizeram isso com você? Nós não sabemos, e por isso não sabemos como curá-lo. Simplesmente não sabemos. — A voz dele se concentrou nas últimas palavras, e de repente eu vi como a compaixão que sentia por mim se sobrepunha à frustração. Ele deu alguns passos e depois parou para encarar a lareira. — Discutimos

muito sobre isso. Jonqui tem muitos conhecimentos da montanha, coisas de que eu nunca tinha ouvido falar. E eu falei para ela de tratamentos que eu conheço. Mas ambos concordamos que a melhor coisa era lhe dar tempo para se curar. Risco de morrer você não corre, pelo menos pelo que podemos ver. Pode ser que seu corpo, no tempo dele, expulse os últimos resquícios de veneno ou cure qualquer lesão dentro de você.

— Ou então — acrescentei em voz baixa — é possível que eu fique assim para o resto da vida. Que o veneno ou o espancamento tenham causado lesões permanentes a alguma coisa. Maldito seja Regal, por ter me chutado daquela forma quando eu já estava imobilizado.

Burrich ficou imóvel como se fosse feito de gelo. Então, deixou-se cair na cadeira que estava na sombra. A derrota dominava sua voz.

— Sim. Essa possibilidade é tão válida como a outra. Mas você não vê que não temos escolha? Eu poderia lhe dar um purgante para tentar forçar o veneno a sair do seu corpo. Mas se você estiver assim por causa da surra, e não do veneno, tudo o que eu faria seria deixá-lo ainda mais fraco, e assim seu corpo demoraria muito mais tempo para se restabelecer.

Ele ficou encarando a chama, levantou uma das mãos e tocou uma faixa branca que estava sobre suas têmporas. Eu não tinha sido o único ferido por causa da traição de Regal. O próprio Burrich tinha acabado de se recuperar de um golpe na cabeça que teria matado qualquer um que tivesse uma cabeça menos dura que a dele. Eu sabia que ele tinha suportado muitos dias de tontura e visão turva. Não me lembro de ter escutado uma reclamação sequer dele. Tive a decência de sentir um pouco de vergonha.

— Então o que eu faço?

Burrich levou um susto como se eu o tivesse acordado de repente.

— O que já estamos fazendo. Esperar. Comer. Descansar. Você deve se poupar. Vamos ver o que acontece. Isso é tão ruim assim?

Ignorei a pergunta.

— E se eu não melhorar? E se eu só ficar assim, com tremores e ataques que podem acontecer a qualquer momento?

Ele demorou para responder.

— Você vai ter de aprender a viver com isso. Muitas pessoas vivem com coisas bem piores. Na maior parte do tempo você fica bem. Você não está cego. Não está paralisado. Sua cabeça ainda funciona. Pare de focar no que você não pode fazer. Por que você não pensa naquilo que você não perdeu?

— O que eu não perdi? O que eu não perdi?

A minha raiva se exaltou como um bando de pássaros levantando voo, alimentada pelo pânico.

— Estou incapacitado, Burrich. Não posso voltar assim para Torre do Cervo! Sou um inútil. Pior que inútil, uma vítima à espera. Se eu pudesse voltar e espancar Regal até esmagá-lo, talvez valesse a pena. Mas, em vez disso, vou ter de me sentar à mesa com o príncipe Regal, ser educado e respeitoso com um homem que conspirou para derrubar Verity e, como toque final, tentou me matar. Não posso tolerar que ele me veja tremendo de fraqueza, ou tendo um ataque. Não quero ver o sorriso dele diante daquilo que ele fez comigo; não quero vê-lo saborear seu triunfo. Ele vai tentar me matar de novo. Nós dois sabemos disso. Talvez ele tenha aprendido que não é um oponente à altura de Verity, talvez respeite o reinado e a nova esposa do irmão mais velho. Mas duvido que estenda o respeito a mim. Eu serei mais um caminho para ele atacar Verity. E, quando ele vier me atacar, como eu estarei? Estarei sentado em frente à lareira, como um velho entrevado, sem fazer nada. Nada! Tudo aquilo para o que fui treinado, todo o treinamento de Hod com as armas, todos os ensinamentos cuidadosos de Fedwren sobre as letras, até mesmo tudo o que você me ensinou sobre cuidar de animais! Tudo um desperdício! Não posso fazer nada. Eu voltei a ser só um bastardo, Burrich. E me disseram uma vez que um bastardo real vive enquanto for útil.

Eu estava praticamente gritando. Mas, mesmo naquele momento de fúria e desespero, não toquei no nome de Chade nem em nada sobre meu treino como assassino. Para isso também eu era inútil agora. Todos os meus movimentos discretos e a destreza das minhas mãos, todas as maneiras precisas para matar um homem com um simples toque, a mistura cuidadosa de venenos, tudo isso foi negado a mim pelas sacudidas do meu próprio corpo.

Burrich ficou sentado em silêncio, ouvindo o que eu dizia até o fim. Quando meu fôlego e minha raiva se esgotaram e eu fiquei ofegante na cama, apertando as mãos traiçoeiramente trêmulas uma contra a outra, ele falou com calma:

— Bom, você está dizendo que nós não vamos voltar para Torre do Cervo? Aquilo me pegou de surpresa.

— Nós?

— Minha vida foi entregue ao homem que usasse esse brinco. Há uma longa história por trás disso, uma história que talvez um dia eu conte para você. Patience não tinha o direito de lhe dar isso. Achei que ele tinha ido para a cova com o príncipe Chivalry. Provavelmente ela pensou que se tratava de uma joia comum usada pelo marido, algo que podia simplesmente guardar ou dar de presente. Seja como for, quem está usando o brinco agora é você. Para onde você for, eu o acompanho.

Coloquei a mão no brinco. Era uma pedra azul minúscula, presa a uma teia de fio de prata. Comecei a tirá-lo.

— Não faça isso — disse Burrich.

As palavras eram calmas, mais profundas que o rosnar de um cão, mas a voz dele era ao mesmo tempo ameaçadora e autoritária. Deixei a mão cair, incapaz de questioná-lo, pelo menos a respeito daquilo. Era estranho ver o homem que cuidou de mim desde que eu era uma criança abandonar colocar seu futuro agora nas minhas mãos. No entanto, ali estava ele, sentado em frente à lareira, esperando as minhas palavras. Fiquei observando o que eu conseguia ver dele à luz tremeluzente do fogo. Antigamente eu o via como um gigante carrancudo, sombrio e ameaçador, mas também um protetor feroz. Agora, talvez pela primeira vez, eu o observei como homem. O cabelo e os olhos escuros eram dominantes entre aqueles que tinham sangue ilhéu, e nisso éramos parecidos. Mas seus olhos eram castanhos, em vez de pretos, e o vento tinha dado às bochechas dele um tom avermelhado, acima da barba encaracolada, o que indicava um ancestral de pele mais clara, em algum lugar. Quando andava, mancava, de forma muito evidente nos dias frios. Era o preço que ele havia pagado por afastar um javali que tentara matar Chivalry. Ele não era tão grande como eu achava. Se eu continuasse crescendo, provavelmente antes de um ano ficaria mais alto do que ele. Ele também não era todo musculoso, mas havia nele uma resistência que o predispunha a usar tanto os músculos quanto o cérebro. Não foi o tamanho que tinha feito dele um homem temido e respeitado em Torre do Cervo, mas seu temperamento hostil e sua determinação. Uma vez, quando eu era muito novo, perguntei se ele já tinha perdido uma briga. Ele tinha acabado de domar um garanhão jovem e teimoso e o estava acalmando na baía. Burrich sorriu, mostrando os dentes brancos como os de um lobo. O suor brotava de sua testa e as gotas lhe escorriam pelo rosto, para dentro da barba preta. Por cima da divisória que separava a baía onde estava, ele me perguntou, ainda sem fôlego:

— Perder uma briga? A briga não acaba até que você vença, Fitz. Lembre-se apenas disso. Não importa o que o outro homem pense. Ou o cavalo.

Fiquei imaginando se eu era uma briga que ele tinha de ganhar. Frequentemente ele me dizia que eu era a última tarefa que Chivalry tinha lhe dado. O meu pai tinha abdicado do trono, envergonhado pela minha existência. Mas tinha me entregado aos cuidados daquele homem e lhe dito para me criar bem. Talvez Burrich pensasse que ainda não havia concluído essa tarefa.

— O que você acha que eu devo fazer? — perguntei a ele, com humildade, embora nem as palavras nem a humildade tenham sido fáceis de encontrar.

— Se recupere — disse ele, depois de um momento. — Espere o tempo que for preciso para você se curar. Isso não pode ser apressado.

Ele olhou de relance para as próprias pernas, estendidas na direção do fogo. Os seus lábios se contorceram em algo que não era um sorriso.

— Você acha que devemos voltar? — insisti.

Ele se recostou na cadeira, cruzou os pés calçados com botas e encarou o fogo. Demorou muito tempo para responder. Finalmente, quase relutante, disse:

— Se não voltarmos, Regal vai pensar que venceu. E vai tentar matar Verity. Ou pelo menos vai fazer o que quer que ele ache que precisa para pegar a coroa do irmão. Eu prestei um juramento ao meu rei, Fitz, assim como você. Neste momento, este rei é o rei Shrewd. Mas Verity é o príncipe herdeiro. Não acho certo que ele tenha esperado em vão.

— Ele tem outros soldados, mais capazes do que eu.

— E isso o liberta da sua promessa?

— Você argumenta como um sacerdote.

— Não estou argumentando. Eu só fiz uma pergunta. E outra: o que você abandonaria se deixasse Torre do Cervo para trás?

Foi minha vez de ficar em silêncio. Pensei no meu rei e em tudo aquilo que eu tinha jurado a ele. Pensei no príncipe Verity, na sua honestidade sem cerimônias e no modo generoso como me tratava. Lembrei-me do velho Chade e do seu sorriso demorado quando eu finalmente dominava um pouquinho do saber oculto. Lady Patience e sua aia, Lacy, Fedwren e Hod, até mesmo Cook e a sra. Hasty, a costureira. Não eram muitas as pessoas que tinham cuidado de mim, mas isso as tornava mais importantes, e não menos. Sentiria falta de todos se nunca mais voltasse para Torre do Cervo. Mas o que reavivou dentro de mim como uma brasa reacendendo foi a lembrança de Molly. E, sem saber como, comecei a falar dela para Burrich, e ele apenas balançava a cabeça enquanto eu contava toda a história.

Quando ele finalmente falou, disse apenas que tinha ouvido dizer que a Casa de Velas Erva-Cidreira tinha fechado quando o velho bêbado do dono morreu endividado. A filha tinha sido obrigada a ir para outro vilarejo, onde tinha alguns parentes. Ele não sabia o nome do vilarejo, mas tinha certeza que eu conseguiria descobrir, se estivesse disposto a isso.

— Saiba o que se passa no seu coração antes de fazer qualquer coisa, Fitz — ele acrescentou. — Se você não tiver nada a oferecer a ela, deixe-a em paz. Você está incapacitado? Só se você achar que está. Mas, se você acha que é um incapacitado agora, então talvez não tenha o direito de ir atrás dela. Imagino que você não iria querer a piedade dela. Isso é um péssimo substituto para o amor.

Então, ele se levantou e me deixou sozinho, encarando o fogo e refletindo.

Eu era um incapacitado? Eu tinha perdido? O meu corpo estava tão dissonante como as cordas desafinadas de uma harpa. Isso era verdade. Mas a minha vontade, e não a de Regal, tinha prevalecido. O meu príncipe Verity ainda estava na linha de sucessão ao trono dos Seis Ducados, e a princesa da montanha era agora sua esposa. Eu deveria ter receio do sorriso afetado de Regal por causa das

minhas mãos trêmulas? Eu não poderia devolver o sorriso a ele, que jamais seria rei? Uma satisfação cruel tomou conta de mim. Burrich tinha razão. Eu não tinha perdido. Mas podia garantir que Regal soubesse que tinha sido eu o vencedor.

Se eu tinha conseguido vencer Regal, será que não podia também conquistar Molly? Havia algum empecilho entre nós? Jade? Mas Burrich tinha ouvido dizer que ela tinha deixado a Cidade de Torre do Cervo, não que tinha se casado. Que tinha ido embora, sem uma moeda sequer, para viver com parentes. Jade devia se envergonhar se permitiu uma coisa dessas. Eu iria procurá-la, encontrá-la e conquistá-la. Molly, com seu cabelo solto ao vento, com sua saia e seu xale vermelho-vivo, corajosa como um pássaro cardeal-vermelho e de olhos igualmente brilhantes. Quando pensei nela, um arrepio desceu pela minha espinha. Sorri para mim mesmo, e então senti meus lábios se contraírem em um esgar, e o arrepio se transformou em um tremor. O meu corpo se sacudiu com um espasmo e a minha nuca bateu violentamente na cabeceira da cama. Soltei um grito involuntário, um grito gorgolejante sem palavras.

Em um instante, Jonqui estava ali, chamando Burrich de volta, e então os dois seguraram os meus braços e pernas que se sacudiam. Burrich jogou todo o peso do seu corpo em cima de mim, esforçando-se para limitar e conter os meus movimentos. Foi então que eu perdi os sentidos.

Saí da escuridão para a luz, como quem volta à superfície após um mergulho profundo em água morna. A cama funda de penas era como um berço que me embalava, as mantas eram macias e quentes. Senti que estava a salvo. Por um momento, tudo estava em paz. Fiquei tranquilamente deitado, sentindo-me quase bem.

— Fitz? — perguntou Burrich, debruçando-se sobre mim.

O mundo voltou. Percebi que eu não passava de uma coisa defeituosa e digna de pena, uma marionete com metade das cordas emaranhadas ou um cavalo com um tendão rompido. Nunca voltaria a ser como antes; não havia lugar para mim no mundo em que um dia eu vivi. Burrich tinha dito que a piedade era um péssimo substituto para o amor. Eu não queria a piedade de ninguém.

— Burrich.

Ele chegou mais perto de mim.

— Não foi tão ruim assim — ele mentiu. — Só descanse. Amanhã...

— Amanhã você volta para Torre do Cervo — eu disse.

Ele franziu o cenho.

— Vamos com calma. Dê alguns dias para você se recuperar, e depois nós...

— Não.

Eu me arrastei até conseguir me sentar e coloquei toda a força que restava nas palavras:

— Tomei uma decisão. Amanhã você vai voltar para Torre do Cervo. Há pessoas e animais à sua espera lá. Eles precisam de você. É a sua casa e o seu mundo. Mas não é o meu. Não mais.

Ele ficou em silêncio por bastante tempo.

— E você vai fazer o quê?

Balancei a cabeça.

— Isso já não é mais da sua conta. Nem da sua nem de ninguém além de mim.

— A garota?

Balancei a cabeça de novo, com mais violência.

— Ela já cuidou de um incapacitado, e passou a juventude fazendo isso, para depois descobrir que ele a deixara endividada. Será que eu deveria voltar e procurá-la, neste estado? Deveria pedir para ela me amar para que eu pudesse ser um fardo para ela, como o pai dela foi? Não. Sozinha ou casada com outro, ela está melhor agora.

Ficamos em silêncio por um bom tempo. Jonqui estava ocupada no canto do quarto, preparando mais um xarope de ervas que não me ajudaria em nada. Burrich estava em pé, ao meu lado, sombrio e carregado como uma nuvem de tempestade. Eu sabia como ele queria muito me sacudir, como desejava arrancar de mim a teimosia, na marra. Mas não fez isso. Burrich não batia em incapacitados.

— Então — ele enfim disse —, só resta o seu rei. Ou será que você se esqueceu de que é jurado como homem do rei?

— Não me esqueci — eu disse, em voz baixa. — E se eu acreditasse que ainda sou um homem, voltaria. Mas não sou, Burrich. Sou um estorvo. No tabuleiro, eu me transformei em nada mais do que uma das peças que têm de ser protegidas. Um refém à espera de ser capturado, impotente para me defender sozinho ou a quem quer que seja. Não. A última tarefa que eu posso desempenhar como homem do rei é me retirar, antes que outra pessoa faça isso e prejudique o meu rei no processo.

Burrich se virou, afastando-se de mim. Ele era só uma silhueta delineada no quarto escuro, e seu rosto era ilegível à luz da lareira.

— Amanhã conversamos — começou.

— Só para nos despedirmos — interrompi. — Estou determinado a fazer isso, Burrich.

Levantei a mão para encostar no brinco que estava na minha orelha.

— Se você ficar, então eu também terei de ficar. — Havia uma ferocidade na sua voz baixa.

— Não é assim que as coisas funcionam — respondi. — Uma vez, meu pai disse para você ficar para trás e criar um bastardo para ele. Agora eu digo para você ir embora servir a um rei que ainda precisa de você.

— FitzChivalry, eu não...

— Por favor. — Não sei o que ele ouviu na minha voz. Só sei que de repente ficou imóvel. — Eu estou tão cansado. Tão terrivelmente cansado. A única coisa que sei é que não sou capaz de cumprir o que todo mundo acha que devo fazer. Simplesmente não sou capaz — minha voz estremeceu como a de um velho. — Não importa o que tenho de fazer. Não importa o que jurei que faria. Não sobrou o suficiente de mim para cumprir minha palavra. Isso talvez não seja o certo, mas as coisas são assim. Os planos de todos, os objetivos de todos, nunca os meus. Eu tentei, mas...

O quarto sacudiu em volta de mim, como se outra pessoa estivesse falando, e eu fiquei chocado com o que ela estava dizendo. Mas não podia negar a verdade daquelas palavras.

— Agora preciso ficar sozinho. Para descansar — eu disse, simplesmente.

Os dois apenas me olharam, sem falar nada. Eles saíram do quarto, lentamente, como se esperassem que eu mudasse de ideia e os chamasse de volta. Não foi o que fiz.

Depois que eles saíram, e eu fiquei sozinho, me permiti suspirar. Fiquei tonto com a decisão que havia tomado. Não ia voltar para Torre do Cervo. Não tinha ideia do que faria. Eu varrera do tabuleiro os cacos da minha vida. Agora havia espaço para recolocar as peças que eu ainda tinha, para planejar uma nova estratégia para viver. Aos poucos, percebi que não tinha nenhuma dúvida. Mágoa e alívio lutavam entre si, mas eu não tinha dúvidas. Não sabia por quê, mas era muito mais suportável seguir adiante com uma vida em que ninguém se lembraria de quem eu havia sido um dia. Uma vida que não estivesse entregue à vontade de outra pessoa. Nem mesmo à do meu rei. Estava acabado. Recostei-me na cama e, pela primeira vez em semanas, me senti completamente relaxado. *Adeus*, pensei, exausto. Gostaria de poder ter dito adeus a todos, de estar uma última vez diante do meu rei e ver seu breve gesto, indicando que eu tinha agido bem. Talvez pudesse fazê-lo compreender o motivo de eu não querer voltar. Não era aquele meu destino. Agora estava acabado, tudo acabado.

— Sinto muito, meu rei — murmurei.

Fiquei contemplando as chamas que se agitavam na lareira até cair no sono.

## BAÍA DO LODO

*Ser príncipe herdeiro ou princesa herdeira é cavalgar firmemente a barreira entre a responsabilidade e a autoridade. Diz-se que a posição foi criada para satisfazer a ambição por poder de um príncipe herdeiro, enquanto seu exercício lhe era ensinado. O filho mais velho da família real assume essa posição no seu décimo sexto aniversário. Desse dia em diante, o príncipe herdeiro ou a princesa herdeira assume totalmente a partilha da responsabilidade pelo governo dos Seis Ducados. Em geral, assume de imediato aqueles deveres com os quais o monarca se preocupa menos, e esses têm variado muito de um reinado para outro.*

*Sob o reinado do rei Shrewd, o primeiro príncipe herdeiro foi o príncipe Chivalry. A ele, o rei Shrewd cedeu tudo aquilo relacionado às fronteiras e delimitações: guerra, negociações e diplomacia, os desconfortos de longas viagens e as condições miseráveis que frequentemente eram encontradas em campanha. Quando Chivalry abdicou, o príncipe Verity se tornou príncipe herdeiro e herdou todas as incertezas da guerra contra os ilhéus e a agitação civil que essa situação criara entre os Ducados do Interior e os Costeiros. Todas essas tarefas se tornavam ainda mais difíceis na medida em que, a qualquer momento, suas decisões podiam ser anuladas pelo rei. Era frequente que fosse obrigado a lidar com uma situação que não fora ele a criar, armado apenas com opções que não eram de sua escolha.*

*Ainda menos sustentável, talvez, era a posição da princesa herdeira Kettricken. Os seus costumes da Montanha marcavam-na como estrangeira na corte dos Seis Ducados. Em tempos de paz, ela talvez tivesse sido recebida com mais tolerância. Mas a corte em Torre do Cervo fervia com a agitação geral dos Seis Ducados. Os Navios Vermelhos vindos das Ilhas Externas assolavam a nossa linha de costa como não o faziam havia gerações, destruindo muito mais do que aquilo que roubavam. O primeiro inverno do reinado de Kettricken como princesa herdeira viu também o primeiro ataque invernal que alguma vez experimentamos. A ameaça constante de ataques e o tormento prolongado dos Forjados no nosso seio abalavam as funda-*

*ções dos Seis Ducados. A confiança na monarquia era baixa, e Kettricken ocupava a posição pouco invejável de ser a rainha forasteira de um príncipe herdeiro que não era admirado.*

*A agitação civil dividia a corte, pois os Ducados do Interior davam voz ao seu ressentimento relativo aos impostos que pagavam para proteger a linha de uma costa da qual não faziam parte. Os Ducados Costeiros exigiam navios de guerra, soldados e um modo eficaz de combater os salteadores que atacavam sempre onde estávamos menos preparados. Criado no interior, o príncipe Regal procurava ganhar poder cortejando os Ducados do Interior com presentes e atenções sociais. O príncipe herdeiro Verity, convencido de que seu Talento já não era suficiente para manter os Salteadores à distância, depositou sua atenção na construção de navios de guerra para proteger os Ducados Costeiros, deixando pouco tempo para dedicar à sua nova rainha. Acima de todos, o rei Shrewd mantinha-se agachado como uma grande aranha, esforçando-se para manter o poder distribuído entre si e os seus filhos, para manter tudo em equilíbrio e os Seis Ducados, intactos.*

Acordei com alguém tocando minha testa. Com um resmungo aborrecido, afastei a cabeça do toque. Tinha as mantas todas enroladas à minha volta; lutei para me libertar daquele aperto e depois me sentei para ver quem tinha se atrevido a me perturbar. O Bobo do rei Shrewd estava empoleirado em uma cadeira ao lado da minha cama, parecendo ansioso. Fitei-o furiosamente, e ele recuou perante meu olhar. Uma inquietação me assaltou.

O Bobo deveria estar em Torre do Cervo, com o rei, a muitas milhas e dias dali. Nunca soubera que ele tinha deixado a companhia do rei durante mais do que algumas horas ou uma noite de repouso. Ele era meu amigo, pelo menos tanto quanto a sua estranheza lhe permitia ser amigo de alguém. Mas uma visita sua sempre tinha um objetivo, e esse objetivo raramente era trivial ou agradável. Parecia mais exausto do que eu jamais o vira. Usava uma roupa de retalhos verdes e vermelhos que não me era familiar e trazia um cetro de bobo com uma cabeça de ratazana no topo. A roupa berrante contrastava com sua pele sem cor. Transformava-o em uma vela translúcida engrinaldada de azevinho. Suas roupas pareciam ter mais substância do que ele próprio. O cabelo fino e claro escapava do chapéu como o cabelo de um afogado no mar, enquanto as chamas dançarinas da lareira brilhavam em seu olhar. Esfreguei meus olhos remelentos e afastei um pouco o cabelo do rosto. Estava com o cabelo úmido; suara durante o sono.

— Olá — consegui dizer. — Não esperava vê-lo aqui.

Sentia a boca seca, e a língua grossa e amarga. Tinha estado doente, me lembrei. Os detalhes pareciam difusos.

— Onde eu deveria estar? — Ele lançou um olhar triste sobre mim. — Enquanto dormia você parecia menos descansado. Recoste-se, senhor. Permita-me que o deixe confortável.

Ele começou a arrumar meus travesseiros meticulosamente, mas com um gesto pedi para que se afastasse. Algo estava errado ali. Ele nunca tinha sido tão gentil comigo. Embora fôssemos amigos, as palavras do Bobo eram sempre duras e azedas, como fruta meio madura. Se aquela súbita gentileza era uma exibição de piedade, eu não queria saber dela.

Olhei de relance a minha camisola bordada, a rica cobertura da cama. Algo nelas parecia estranho. Estava muito cansado e fraco para descobrir por quê.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei-lhe.

Ele inspirou e suspirou.

— Vim cuidar de você. Vigia-lo durante o sono. Sei que acha isso uma bobagem, mas, afinal, eu sou o Bobo. Portanto, sabe que tenho de fazer bobagens. No entanto, você me faz essa mesma pergunta toda vez que acorda. Deixe-me então propor algo mais sensato. Suplico, senhor, deixe-me mandar buscar outro curandeiro.

Recostei-me nas almofadas. Estavam úmidas de suor e cheiravam mal. Sabia que podia pedir ao Bobo que as trocasse, e ele o faria, mas eu simplesmente suaria de novo. Era inútil. Agarrei-me aos cobertores com dedos nodosos. Perguntei-lhe diretamente:

— Por que você veio até aqui?

Ele tomou a minha mão nas suas e deu-lhe palmadinhas.

— Senhor, desconfio dessa súbita fraqueza. Parece não obter nada de bom dos cuidados desse curandeiro. Temo que seus conhecimentos sejam muito menores do que a opinião que tem deles.

— Burrich? — perguntei, incrédulo.

— Burrich? Bem gostaria que ele estivesse aqui, senhor! Ele pode ser o mestre dos estábulos, mas apesar disso garanto que é mais curandeiro do que esse Wallace que o medica e faz suar.

— Wallace? Burrich não está aqui?

O rosto do Bobo ficou mais sério.

— Não, meu rei. Ele está nas Montanhas, como você bem sabe.

— Seu rei — eu disse, e tentei rir. — Que piada.

— Nunca, senhor — disse ele, gentilmente. — Nunca.

A sua ternura me confundiu. Aquele não era o Bobo que eu conhecia, cheio de palavras retorcidas e adivinhas, de cutucadas maliciosas, trocadilhos e insultos astuciosos. Senti-me subitamente esticado como uma corda velha, e tão desgastado também. Apesar disso, tentei ajustar as coisas.

— Nesse caso estou em Torre do Cervo?

Ele anuiu lentamente.

— Claro que sim — a preocupação apertou-lhe a boca.

Fiquei em silêncio, sondando toda a profundidade da traição que sofrera. De algum modo tinha sido trazido de volta para Torre do Cervo. Contra a minha vontade. Burrich sequer tinha achado por bem me acompanhar.

— Deixe-me que lhe traga um pouco de comida — suplicou-me o Bobo. — Sempre se sente melhor depois de comer. — Ergueu-se. — Trouxe-a para cima há horas. Mantive-a aquecida junto à lareira.

Meus olhos seguiram-no fatigadamente. Junto à grande lareira, ele se agachou para tirar do fogo uma terrina coberta. Ergueu a tampa e veio-me ao nariz um rico cheiro de guisado de carne de vaca. Encheu uma tigela com uma concha. Tinham se passado meses desde a última vez que comera carne de vaca. Nas Montanhas, só se comia carne de veado, carneiro e cabra. Os meus olhos vaguearam cansadamente pelo quarto. As pesadas tapeçarias, as cadeiras de madeira maciça. As pedras da lareira, os dosséis da cama ricamente trabalhados. Conhecia aquele lugar. Aquilo era o quarto do rei em Torre do Cervo. Por que eu estava ali, na cama do rei? Tentei perguntar ao Bobo, mas foi outro que falou com os meus lábios:

— Sei coisas demais, Bobo. Já não consigo me impedir de sabê-las. Às vezes é como se outra pessoa controlasse minha vontade e empurrasse minha mente para onde eu preferiria que ela não fosse. Foi aberta uma brecha nas minhas muralhas. Tudo jorra para dentro como uma maré.

Inspirei profundamente, mas não consegui afastá-lo. Primeiro um formigueiro gelado, depois foi como se estivesse submerso em um rápido fluxo de água fria.

— Uma maré enchente — ofeguei. — Trazendo navios. Navios de quilhas vermelhas...

Os olhos do Bobo esbugalharam-se de alarme.

— Nesta estação, Majestade? Certamente que não! No inverno, não!

Sentia a respiração apertada no peito. Lutei para falar.

— O inverno chegou com demasiada brandura. Poupou-nos tanto de suas tempestades como de sua proteção. Olhe. Olhe para ali, por sobre as águas. Vê? Eles vêm. Eles vêm do nevoeiro.

Levantei o braço para apontar. O Bobo se aproximou às pressas para ficar ao meu lado. Agachou-se para espreitar para onde eu apontava, mas eu sabia que ele não podia ver. Mesmo assim, pousou lealmente uma mão hesitante no meu ombro magro e olhou como se pudesse afastar à força as muralhas e as milhas que se interpunham entre si e a minha visão. Ansiei por ser tão cego como ele. Agarrei a pálida mão de longos dedos que descansava no meu ombro. Por um momento, olhei para minha mão murcha, para o anel com o sinete real que aderiria a um

dedo ossudo por trás de uma articulação inchada. Então meu olhar relutante foi atraído para cima, e minha visão, levada para longe.

A mão que apontava indicava o porto calmo. Lutei para me sentar mais ereto, para ver melhor. A vila escurecida estendia-se à minha frente como uma manta de retalhos de casas e estradas. O nevoeiro jazia nas zonas baixas e era espesso na baía. *Uma mudança de tempo que aí vinha*, pensei comigo mesmo. Algo se agitou no ar que me enregelava, arrefecendo tanto o suor velho na pele que me fez tremer. Apesar do breu da noite e do nevoeiro, eu conseguia, sem dificuldade, enxergar tudo perfeitamente. Uma visão de Talento, disse a mim mesmo, mas depois tive dúvidas. Não era capaz de usar o Talento, não de forma predizível, não de forma útil.

Mas enquanto observava, dois navios saltaram das névoas e emergiram no porto adormecido. Esqueci-me do que era ou não capaz de fazer. Os navios eram lustrosos e estavam em bom estado e, embora parecessem negros ao luar, eu sabia que seus cascos eram vermelhos. Salteadores dos Navios Vermelhos vindos das Ilhas Externas. Os navios moviam-se como facas pelas pequenas ondas, cortando seu caminho para longe do nevoeiro, fendendo a água protegida do porto como uma lâmina fina fende a barriga de um porco. Os remos moviam-se em silêncio, em perfeito uníssono, com as pás abafadas com farrapos. Ousadamente se aproximaram das docas, como mercadores honestos vindos para negociar. Do primeiro barco saltou um marinheiro com ligeireza, trazendo uma corda para amarrá-lo a uma estaca. Um remador manteve-o afastado da doca, até que a corda de ré foi atirada e também amarrada. Tudo com tanta calma, com tanta audácia. O segundo navio estava seguindo o exemplo do primeiro. Os temidos Navios Vermelhos tinham chegado à vila, atrevidos como gaivotas, e estavam atracados à doca das suas vítimas.

Nenhuma sentinela deu o alarme. Nenhum vigia soprou um corno ou atirou um archote para a pilha de lenha de pinheiro-duro previamente preparada para acender um sinal de fogo. Procurei-os e encontrei-os instantaneamente. De cabeças apoiadas nos peitos, estavam inativos nos seus postos. Boa lâ fiada em casa passara de cinzenta a vermelha, encharcada com o sangue de suas gargantas cortadas. Os seus assassinos chegaram em silêncio, por terra, cientes de cada um dos postos de sentinela, para silenciar todos os vigias. Ninguém alertaria a aldeia adormecida.

Não havia muitas sentinelas. Não havia muito naquela pequena vila, que por pouco não merecia um ponto no mapa. A vila contava com a humildade das suas posses para escapar de ataques como aquele. Criavam ali boa lâ e fiavam um bom fio, era certo. Pescavam e defumavam o salmão que subia o seu rio, e as maçãs dali eram minúsculas, mas doces, e davam um bom vinho. Havia uma boa praia para amêijoas a oeste da vila. Essas eram as riquezas de Baía do Lodo e,

embora não fossem grandes, eram o bastante para afortunar a vida daqueles que ali viviam. Era certo, porém, que não valiam um ataque com lâmina e archote. Que homem são julgaria que um barril de vinho de maçã ou uma prateleira de salmão defumado valiam o tempo de um salteador?

Mas aqueles eram Navios Vermelhos, e não vinham saquear riquezas ou tesouros. Não procuravam o gado premiado de reprodução nem mesmo mulheres para esposas ou rapazes para escravos das galés. As gordas ovelhas de lã seriam mutiladas e abatidas, o salmão defumado seria espezinhado, os armazéns de novo e vinho, incendiados. Levariam reféns, sim, mas só para a Forja. A magia da Forja os deixava menos que humanos, desprovidos de todos os sentimentos e de qualquer pensamento à exceção dos instintos mais básicos. Os Salteadores não ficariam com esses reféns, eles os abandonariam ali, para gerarem sua angústia debilitante naqueles que os tinham amado e chamado de família. Despidos de toda a sensibilidade humana, os Forjados vagueariam por sua terra natal com a implacabilidade de carcajus. Esse uso dos nossos próprios familiares como Forjados contra nós era a mais cruel das armas dos ilhéus. Eu já sabia disso enquanto observava. Eu já tinha visto as consequências de outros ataques.

Observei a onda de morte erguer-se para inundar a pequena vila. Os piratas ilhéus saltaram do navio para as docas e subiram em fluxo até a aldeia. Gotejaram em silêncio pelas ruas em bandos de dois e três, tão mortíferos quanto veneno diluído em vinho. Um grupo pequeno fez uma pausa para vasculhar os outros navios amarrados à doca. A maior parte das embarcações era composta de pequenos barcos abertos, mas havia dois navios de pesca maiores e um navio mercante. Suas tripulações encontraram uma morte rápida. Suas lutas frenéticas foram tão patéticas como o bater de asas e os guinchos das galinhas quando uma doninha entra no galinheiro. Chamaram por mim com vozes cheias de sangue. O espesso nevoeiro engoliu-lhes os gritos com avidez. Transformou a morte de um marinheiro em nada mais do que o lamento de uma ave marinha. Depois, os barcos foram incendiados, descuidadamente, sem que um pensamento fosse dedicado ao seu valor de espólio. Aqueles Salteadores não levavam um verdadeiro saque. Talvez um punhado de moedas, se fosse fácil encontrar, ou um colar arrancado do corpo de alguém que tivesse sido violado e morto, mas pouco mais do que isso.

Eu não podia fazer nada além de observar. Tossi pesadamente, depois encontrei fôlego para falar:

— Se ao menos conseguisse compreendê-los — disse ao Bobo. — Se ao menos soubesse o que querem. Esses Navios Vermelhos não fazem sentido. Como podemos combater aqueles que guerreiam por um motivo que não divulgam? Mas se pudesse compreendê-los...

O Bobo franziu os lábios pálidos e refletiu.

— Eles participam da loucura daquele que os guia. Só podem ser compreendidos por quem partilha dessa loucura. Eu mesmo não tenho qualquer desejo de compreendê-los. Compreendê-los não os deterá.

— Não...

Não queria assistir à vila. Vira aquele pesadelo com demasiada frequência. Mas só um homem sem coração conseguiria afastar os olhos como se aquilo se tratasse de um espetáculo mal encenado de marionetes. O mínimo que podia fazer pelo meu povo era vê-lo morrer; e isso também era o máximo que podia fazer por ele. Estava doente e incapacitado, um velho em um lugar distante. Nada mais podia ser esperado de mim. Por isso, observei.

Vi a pequena vila acordar de um sono suave com o rude apertar de uma mão estranha na garganta ou no peito, com uma faca por cima de um berço, ou com o súbito grito de uma criança arrancada do sono. Luzes começaram a tremular e cintilar por todo o povoado; algumas eram velas acesas ao ouvir o alarido feito por um vizinho; outras eram archotes ou casas em chamas. Embora os Navios Vermelhos já aterrorizassem os Seis Ducados havia mais de um ano, para aquelas pessoas tudo se tornava completamente real naquela noite. Tinham ouvido as histórias de horror e decidido que nunca permitiriam que elas acontecessem com eles. Mas, assim mesmo, as casas ardiam e os gritos erguiam-se no céu noturno como se fossem transportados pela fumaça.

— Fale, Bobo — ordenei com a voz rouca. — Recorde para mim o que está por vir. O que é que dizem de Baía do Lodo? Um ataque a Baía do Lodo, no inverno. Ele inspirou, estremecendo.

— Não é fácil, nem claro — hesitou. — Tudo ondula, tudo é ainda mudança. Há muitas coisas em fluxo, Majestade. O futuro derrama-se aí em todas as direções.

— Fale de qualquer coisa que consiga ver! — ordenei.

— Fizeram uma canção sobre essa vila — observou o Bobo com um ar vazio.

Ainda continuava agarrando o meu ombro; através da camisa de dormir, o aperto dos seus dedos longos e fortes era gelado. Um estremecimento passou entre nós, e eu senti o modo como ele se esforçava para continuar em pé ao meu lado.

— Quando cantada em uma taverna, com o refrão sincopado ao ritmo de canecas de cerveja batendo em uma mesa, nada disso parece muito mau. É possível imaginar como essas pessoas lutaram com valentia, preferindo cair em combate a render-se. Nenhuma pessoa foi capturada viva e Forjada. Nenhuma.

O Bobo fez uma pausa. Uma nota de histeria se misturou com a frivolidade que ele forçou transparecer na voz.

— Claro, quando se está bebendo e cantando, não se vê o sangue. Nem se cheira a carne queimada. Nem se ouvem os gritos. Mas isso é compreensível. Al-

guma vez você já fez uma rima toada para “criança destroçada”? Alguém tentou uma vez “lembrança desgraçada”, mas o verso continuou não soando bem.

Não há alegria na sua ironia. Os seus gracejos ácidos não conseguem proteger nem a ele nem a mim. Ele então voltou a ficar em silêncio, meu prisioneiro condenado a partilhar comigo seus dolorosos conhecimentos.

Assisto em silêncio. Nenhum verso falaria de um pai que forçou colocar uma bolinha de veneno na boca de uma criança para que ela não caísse nas mãos dos Salteadores. Ninguém cantaria sobre crianças gritando pelas dores causadas pelo rápido e duro veneno, nem sobre as mulheres que eram estupradas enquanto jaziam moribundas. Nenhuma rima ou melodia poderia suportar o peso de contar a história de arqueiros cujas flechas mais precisas mataram familiares capturados antes de poderem ser arrastados para longe. Espreitei o interior de uma casa incendiada. Através das chamas, vi um menino de dez anos oferecendo a garganta para o golpe da faca da mãe. Segurava o corpo da irmã bebê, já estrangulada, pois os Navios Vermelhos tinham chegado, e nenhum irmão que a amasse a entregaria aos Salteadores ou à voracidade das chamas. Vi os olhos da mãe enquanto erguia os corpos dos filhos e os levava consigo para as chamas. É melhor não recordar coisas como essas. Mas não me foi poupado esse conhecimento. Era meu dever saber dessas coisas, e recordá-las.

Nem todos morreram. Alguns fugiram para os campos e florestas ao redor. Vi um jovem levando quatro crianças com ele para debaixo das docas, para se agarrar, dentro da água gelada, aos pilares cobertos de cracas até os Salteadores partirem. Outros tentaram fugir e foram mortos enquanto corriam. Vi uma mulher de camisola saindo sorrateiramente de uma casa. Chamas já corriam pela parede lateral do edifício. Ela carregava uma criança nos braços e outra agarrava-se às suas saias e a seguia. Mesmo na escuridão, a luz vinda das cabanas incendiadas despertava-lhe reflexos lustrosos no cabelo. Olhou ao redor, atemorizada, mas a longa faca que levava na mão livre estava erguida e a postos. Vislumbrei uma pequena boca com uma expressão severa, uns olhos ferozmente semicerrados. Então, por um instante, vi seu orgulhoso perfil delineado contra a luz do fogo.

— Molly! — murmurei.

Estendi para ela a mão com uma garra. Ela ergueu um alçapão e enxotou as crianças para dentro de um armazém subterrâneo que se abria por trás da casa em chamas. Baixou silenciosamente o alçapão sobre todos eles. Segura?

Não. Dobraram uma esquina, dois deles. Um levava um machado. Andavam lentamente, pavoneando-se e rindo alto. A fuligem que lhes manchava o rosto fazia realçar os dentes e o branco dos olhos. Um era uma mulher. Ela era muito bela e ria enquanto andava. Destemida. O cabelo descia-lhe pelas costas trançado com um fio de prata. As chamas tremulavam em vermelho nela. Os Salteadores